



RECRIAR – FAMÍLIA E ADOÇÃO

CNPJ: 01.959.894/0001-04; COMTIBA: 149 (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente);
CMAS: 426 (Conselho Municipal de Assistência Social); Estatuto Social – Nº. 15667 livro A de 17.06.97;
Utilidade Pública Estadual – Lei Nº. 12514/99, Utilidade Pública Municipal – Lei Nº. 9526/99.

Adoção e suas histórias

Este é o tema que foi escolhido para o XVI ENAPA – Encontro Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção no Brasil. Este encontro nacional será aqui em Curitiba nos dias 2, 3 e 4 de junho, no Centro de Eventos da FIEP. Confiram a programação no site: www.enapa2011.com.br. Se você tem algum envolvimento com o tema da adoção, será muito importante a sua participação.

Bem, pensando em adoção e suas histórias, vim pensando em lhes contar uma história também.

Visitei recentemente um antiquário com minha mãe. Minha mãe é dessas pessoas apaixonadas por histórias e pela história. Foi ela, de nossa família, que ficou com a maioria dos objetos, fotos e documentos de seus antepassados. Acho que este seu gosto já me influenciou. Fiquei com a cristaleira da minha avó e um velho baú feito em cedro pelo meu bisavô polonês. Nele trouxeram a máquina de costura, aqui para o Brasil, em 1927. Aqui vai um pouco da minha história de família. Aqui está um pedaço de minha própria história.

Bem, retornando à minha mãe, ela tem este gosto por coisas antigas e me convidou para conhecer um antiquário, que ela tinha ido e queria muito voltar lá comigo.

Aceitei o convite e fomos. Neste antiquário tinham peças realmente muito bonitas e sempre cada uma com a sua história, cada uma com a sua nacionalidade e cada uma com a sua beleza e função peculiares. Abajours, quadros, biscois, vasos, aparelhos de jantar, chá e café, bandejas, pratos para bolo, xícaras chinesas – porcelanas tão finas estas, as chinesas; bonecas, taças, estatuetas, tapetes... e cada peça tinha verdadeiramente um excelente motivo para ter sido, um dia, escolhida por este colecionador para estar ali, no seu antiquário.

Passávamos os olhos por tudo e a cada novo olhar um novo detalhe e uma nova beleza surgiam. Até que em determinado instante minha mãe me disse: - Você sabe, que dentre todas estas obras há uma, a mais importante, para este senhor e esta ele não vende? Eu prontamente disse que acreditava que sim, que deveria ter alguma ali, dentre tantas peças, que fosse a mais importante para ele. Minha mãe me leva então até a frente de uma enorme foto colocada sobre um cavalete de pintura. Eu já havia passado diante daquela foto, achei-a muito bonita, mas era somente uma foto antiga de um casal, destas feitas em estúdio.

Este senhor, que nos acompanhava na visita ao seu antiquário, sorridente, concordou com o que minha mãe me dizia e falou: - Sim, esta não está à venda. É uma foto dos meus pais, na década de quarenta. Meus pais eram sírios e vieram de Antioquia para o Rio de Janeiro em 1904. Eles vieram muito novos de lá. No Rio de Janeiro que se conheceram e tempos depois se casaram e vieram morar na cidade da Lapa, aqui no Paraná. E mais tarde vieram para Curitiba.



RECRIAR – FAMÍLIA E ADOÇÃO

CNPJ: 01.959.894/0001-04; COMTIBA: 149 (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente);
CMAS: 426 (Conselho Municipal de Assistência Social); Estatuto Social – Nº. 15667 livro A de 17.06.97;
Utilidade Pública Estadual – Lei Nº. 12514/99, Utilidade Pública Municipal – Lei Nº. 9526/99.

Nossa, quanta história temos aí. Imagina só o que estas pessoas viveram até poder chegar aqui no Brasil e refazer suas vidas? Ele contou ainda: - meu pai tinha dezesseis anos quando conheceu minha mãe. Ela tinha treze. No dia em que a viu pela primeira vez na casa de uns amigos em comum lá no Rio de Janeiro, ele disse: - diga para aquela moça que um dia eu vou me casar com ela. E assim foi. Pelo jeito a moça gostou do recado e do moço que o mandou, pois tempos depois se casaram.

No final da visita, eu disse a este senhor: - sim, o seu antiquário tem peças muito lindas, parabéns! E muito obrigada pelo senhor ter compartilhado sua história de família conosco. Elas são preciosas! Ele me respondeu: - o que é triste é não ter história para contar! Eu concordei prontamente com ele.

Acredito que esta pequena história do que vivi, nesta tão simples visita a um antiquário com a minha mãe recentemente, vem servir exatamente para isso: para poder ilustrar neste texto a importância das histórias familiares, como elas nos constituem, como são responsáveis pela formação de nossa identidade e até, muitas vezes, de nossas escolhas profissionais e de nossos hobbies. Fiquei me perguntando, será que houve algum familiar que influenciou este gosto pela arte na vida deste senhor?

E ainda me dizia: que bom poder ver na vida deste senhor, que mesmo rodeado todos os dias por estas peças, estas obras de arte tão lindas, o que ele mais valoriza é a foto dos seus pais.

Esse é, sem dúvida, um dos valores que vem sendo mais ameaçado hoje em dia em nossa sociedade: os vínculos sócio-afetivos.

Adoção e suas histórias... O triste é não ter história para se contar!

Todo aquele que convive o mínimo que seja com uma criança abrigada, sabe que esta criança tem as suas histórias familiares; algumas sabem bem das suas histórias, outras sabem muito pouco.

Se tem um ponto que sempre me preocupou muito no contato com as crianças abrigadas, é o que elas sabem sobre elas mesmas e sobre suas histórias familiares. Sempre cito a psicanalista Françoise Dolto, porque ela foi a precursora do trabalho com crianças abrigadas na França, na década de quarenta, e o que ela sempre aponta nos seus escritos é a falta de informações para a criança abandonada sobre ela mesma e sobre os motivos que a levaram a estar abrigada sem os seus familiares. Que esta falta de palavras, de informações para a criança, é mais danoso psicologicamente para a criança do que ela saber a sua verdadeira história pessoal e familiar. Claro que a forma e a maneira de se dizer as coisas para uma criança devem ser muito bem ponderadas. Mas este é um ponto que ainda temos que avançar muito nos processos de



RECRIAR – FAMÍLIA E ADOÇÃO

CNPJ: 01.959.894/0001-04; COMTIBA: 149 (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente);

CMAS: 426 (Conselho Municipal de Assistência Social); Estatuto Social – Nº. 15667 livro A de 17.06.97;

Utilidade Pública Estadual – Lei Nº. 12514/99, Utilidade Pública Municipal – Lei Nº. 9526/99.

abrigamento infantil, estando nós em 2011. E este é um ponto fundamental para que, no tempo que esta criança esteja abrigada ela possa realmente ser amparada, fortalecida e tratada emocionalmente para poder, no futuro, desfrutar bem de uma adoção. Quantos casos de devolução de adoção, ou de crises no relacionamento familiar pós-adoção, podem conter elementos de dificuldades emocionais da própria criança, pelas lacunas de conhecimento que ela tem de si mesma e da sua história familiar?

Certamente, são nossas histórias pessoais e familiares que nos constituem como pessoas. A principal necessidade sócio-afetiva do ser humano é a de pertencer, é a de ser reconhecido e amado pelo outro.

Muitos passam a ter enormes dificuldades de se tornarem sujeitos de direito, sujeitos de sua própria história.

Que possamos refletir, cada um, a partir de nossa esfera de atuação dentro desta enorme problemática social, em como podemos contribuir positivamente na construção da história pessoal de cada criança abrigada no Brasil.

Ana Lucia Grochowicz Cavalcante.

Psicóloga - Ong Recriar – Família e Adoção.